

BIBLIOTECONOMIA CONTRA O EPISTEMICÍDIO: um olhar para movimentos emancipatórios do povo Palestino

LIBRARY SCIENCE AGAINST EPISTEMICIDE: a look at the emancipatory movements of the Palestine people

Carlos Eduardo da Cunha de Souza | Ana Julia Artali Maramarque | Paula Regina Dal'Evedove | Cintia Almeida da Silva Santos

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag24a10>

Resumo: Em tempos de guerra, as instituições culturais assumem novas funções sociais. Nessa perspectiva, o presente artigo reflete sobre o papel das bibliotecas e das pessoas bibliotecárias no enfrentamento do epistemicídio, por meio de pesquisa bibliográfica e da análise de fatos históricos recentes. Busca-se compreender como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação discutem o papel das bibliotecas e das pessoas bibliotecárias na preservação da memória coletiva e no combate do apagamento histórico, aqui entendido como um dos instrumentos do genocídio, com foco para a preservação das memórias do povo palestino, especialmente após a ofensiva lançada por Israel a partir de outubro de 2023. De modo complementar, apresentam-se algumas ações práticas que visam mobilizar a sociedade civil e a comunidade profissional em defesa da Palestina e contra a violência do conflito em curso na região.

Palavras-chave: Biblioteconomia Crítica e Progressista; Epistemicídio; Palestina; Preservação da Memória.

Abstract: In times of war, cultural institutions take on new social functions. From this perspective, this article reflects on the role of libraries and librarians in confronting epistemicide, through bibliographic research and the analysis of recent historical events. The article seeks to understand how Library Science and Information Science discuss the role of libraries and librarians in preserving collective memory and combating historical erasure, understood here as one of the instruments of genocide, with a focus on preserving the memories of the Palestinian people, especially after the offensive launched by Israel in October 2023. Additionally, we present some practical actions aimed at mobilizing civil society and the professional community in defence of Palestine and against the violence of the ongoing conflict in the region.

Keywords: Critical and progressive librarianship; Epistemicide; Palestine; Memory preservation.

“Toda a vez que a cortina cai sobre uma vida esquecida é porque todos nós ficamos parados em silêncio e indiferentes”.

Roger Waters - *Is this the life we really want?*

Introdução

Existem possibilidades de atuação do profissional da informação como agente na importante missão de preservação da bagagem cultural de um povo? Em tempos de conflito, as instituições culturais GLAM (Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus) podem ser visadas como alvos de ataques partidários mal-intencionados (PROCHASKA, 2023),

que acabam por se tornar ataques à cultura e à população local. Sendo as bibliotecas constituídas como “lugares de memória” (SILVEIRA, 2010), evidencia-se que as pessoas bibliotecárias têm responsabilidade direta na salvaguarda e disseminação dessa memória.

Preservar a memória de povos marginalizados e minorizados é fundamental para evitar que situações semelhantes se repitam e para que o sofrimento dos envolvidos não seja desconsiderado. Nessa perspectiva, o pensamento de Adchie (2019) se mostra oportuno: a intelectual destaca que as histórias importam, pois estão diretamente vinculadas ao poder. Quem detém o poder de impor a narrativa? A quem interessa silenciar ou apagar outras histórias?

Ao tentar compreender o apagamento da memória pelo olhar da Biblioteconomia, considerando as definições de epistemicídio, aqui entendido como a aniquilação de saberes, conforme apresentado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2018), é possível vincular o papel das bibliotecas, enquanto lugares de memória, ao processo de perda cultural ocorrido em meio a guerras e genocídios, bem como analisar historicamente a atuação de pessoas bibliotecárias nesse contexto.

Atualmente, estima-se que existam no mundo onze grandes guerras e mais de cem zonas de conflito armado, com a Ucrânia e a região de Gaza sendo considerados os principais focos de conflito (CARVALHO e BARTLO, 2025). Para Giroux (2024), o conflito que se desenrola na Faixa de Gaza se trata de uma batalha contra a própria história e a memória, ao passo que “a guerra promovida por Israel e travada na Faixa de Gaza ataca mais do que apenas corpos, “mas também ataca a preservação da história, do conhecimento e do pensamento crítico”. Na perspectiva do teórico, trata-se de uma guerra que destrói instituições educacionais e tem como objetivo apagar as narrativas dos crimes que foram conduzidos naquela região e os movimentos de resistência do povo palestino, o ideal daqueles que conduzem a guerra é minar as “memórias, legados de resistência e as instituições que salvaguardam a identidade coletiva de um povo para as gerações futuras” (GIROUX, 2024). Como ações práticas, tem-se os ataques à memória e à cultura dessa região com a recente destruição de bibliotecas, museus, escolas, centros culturais e universidades.

Considerando que, em tempos de guerra, as instituições culturais assumem papéis sociais essenciais, este artigo analisa, a partir de pesquisa bibliográfica e de fatos históricos recentes, comprovados por meio de registros jornalísticos, o papel das bibliotecas e das pessoas bibliotecárias no enfrentamento do epistemicídio e na preservação da memória coletiva. Diante do conflito que perdura desde 1948 na Faixa de Gaza, são apresentadas ações práticas que buscam mobilizar a sociedade e a comunidade profissional em defesa da Palestina e contra a violência do conflito. Para tanto, destacam-se iniciativas realizadas por profissionais e instituições culturais para minimizar os efeitos do epistemicídio, considerando tratar-se de vidas humanas, e não “vidas precárias” que “não demandam luto” (BUTLER, 2004; 2009).

Bibliotecas e a preservação da memória

É preciso, primeiramente, compreender o papel e a influência das bibliotecas na preservação da memória e na construção da identidade de um povo. Seu papel não se limita à disseminação de informações e conhecimento, mas inclui também a proteção da

produção cultural e científica de sua comunidade, criando espaços de identificação. Silveira (2010) define as bibliotecas como “lugares de memória” e defende a ideia de que a construção da identidade não é meramente individual, mas coletiva; para tanto, resgatamos experiências históricas e sociais passadas, alinhando-as com experiências do presente, a fim de definir nossa identidade cultural. Segundo o autor:

[...] a memória, por mais vigorosa que seja, é frágil demais para reter voluntariamente a totalidade das experiências humanas, sendo necessário, pois, criar arquivos; museus; monumentos; organizar celebrações públicas e pronunciar elogios funerários como recurso para se manter viva a história e a cultura de todo um tecido social (SILVEIRA, 2010:98).

O registro, seja oral ou escrito, é fundamental para a preservação e perpetuação de seu sentido a longo prazo. Pollak (1992) destaca que a memória é, entre outras definições, um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes. A memória de um povo está intrinsecamente ligada à sua coletividade. Um indivíduo sente-se pertencente a uma sociedade e a uma cultura devido às heranças coletivas transmitidas por seu povo. Ainda segundo Pollak:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992:5)

Sendo a memória mutável, seletiva e construída a partir das perspectivas e vivências em determinado contexto, são também seletivos os registros, fontes e documentações. Na atuação do profissional da informação, não há espaço para neutralidade, assim como na própria memória. Preservar a memória de um povo em um ambiente informacional significa selecionar materiais relevantes para essa comunidade, produzidos por ela mesma. A factualidade e o eruditismo não devem ser critérios excludentes ao tratar da preservação de uma memória cultural. Devem ser estudadas as percepções e perspectivas da comunidade acerca de sua própria história, a forma como produz conhecimento e cultura, as interações entre os indivíduos e com o ambiente, suas celebrações, tradições e modos de vida. A base da memória de um povo é a coletividade, e cabe ao bibliotecário identificar suas nuances na construção do acervo, atuando como agente dessa teia de saberes construídos e que precisam ser preservados.

Para a escritora nigeriana Adichie (2019), é possível refletir sobre como a memória e o discurso podem influenciar a forma como compreendemos as histórias de um povo. Nesse sentido, ela cita a frase do poeta palestino Mourid Barghouti, que certa vez escreveu sobre como a narrativa de um evento histórico e os povos envolvidos nele podem moldar a percepção que temos desses acontecimentos. Segundo Barghouti, a forma mais simples de contar a história de um povo é começar com “em segundo lugar”.

As instituições culturais GLAM se mostram essenciais como espaços de preservação de registros relacionados à memória e à cultura em recortes específicos, promovendo identificação e sensação de pertencimento à comunidade. Segundo Silveira, as bibliotecas podem ser entendidas como “o espaço onde o homem, sua herança cultural, seu patrimônio simbólico, sua tradição e sua memória coletiva se mesclam na tentativa de superar o esquecimento e se preservar no futuro” (SILVEIRA, 2010:79). Os lugares de memória

transcendem as barreiras do tempo, mantendo vivas memórias e histórias que, caso não registradas, se perderiam parcial ou totalmente ao longo das décadas. Portanto, quando essas instituições são alvo de ataques, destruição ou censura, compreende-se que também estão sendo atingidas a cultura e a identidade, tanto individual quanto coletiva, daqueles que se relacionam com esses espaços.

Pessoas bibliotecárias: esforços contra o epistemicídio

Para discutir o apagamento informacional no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, é necessário compreender, primeiramente, o conceito de epistemicídio. Ramón Grosfoguel (2013) define como “epistemicídio” o movimento de descredibilizar grupos e suas produções intelectuais por parte da classe dominante, visando construir um “monopólio do conhecimento”. Esse fenômeno pode ser observado nas relações entre países colonizadores e colonizados, entre dominantes e dominados. A visão de mundo, as memórias, os registros e as criações dos grupos dominantes são priorizados em detrimento daqueles dos grupos dominados ou em processo de dominação, resultando no apagamento intencional das tradições dos povos marginalizados.

O incentivo à produção, proteção e disseminação de uma cultura em detrimento de outra, geralmente em desfavor das culturas de nações afetadas pelas heranças negativas da colonização, configura uma forma de apagamento cultural, que pode influenciar a maneira como as bibliotecas são constituídas e como seus povos se relacionam com elas. Cabe ao profissional bibliotecário identificar esse processo e mediar ações que minimizem suas consequências, promovendo a construção de um acervo culturalmente diverso e inclusivo.

Para além da preocupação com a produção e disseminação, em tempos de conflitos ativos surge também a preocupação com a perda do patrimônio material. Boaventura de Sousa Santos define, em nota, o epistemicídio como:

[...] Um processo político-cultural pelo qual o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados é morto ou destruído, como forma de manter ou aprofundar essa subordinação. Historicamente, o genocídio tem sido frequentemente associado ao epistemicídio (SANTOS, 2009:208, *tradução nossa*).

Carneiro (2023) destaca que o epistemicídio não apenas desumaniza pessoas, ao negar-lhes o direito de serem conhecidas, como também se constitui em um instrumento de dominação. O processo de genocídio, além do extermínio literal de um grupo ou comunidade específica, busca apagar as histórias e memórias construídas por esses grupos. Prochaska (2023) reflete sobre os ataques intencionais a bibliotecas e centros de memória e conhecimento, historicamente recorrentes em tempos de guerra. A autora ainda cita como exemplo as perdas inestimáveis e irreversíveis de obras artísticas e literárias durante a Segunda Guerra Mundial, especialmente no contexto do Holocausto, destacando que o processo de localização e restauração dessas obras jamais será totalmente completo.

Os povos marginalizados, vítimas de conflitos armados e guerras, sofrem não apenas com a destruição material de suas produções e registros culturais, mas também ao se depararem com realidades fora de seus países de origem, onde suas memórias e vivências nem sempre são valorizadas ou acolhidas. Impõe-se, então, a supremacia identitária dos países

dominantes em diversos aspectos, desde a priorização de suas próprias obras, memórias e registros até a ocorrência de ataques físicos e verbais direcionados a culturas consideradas contrárias. Segundo Gonçalves e Mucheroni:

O espectro de ação da naturalização de um pensamento dominante não se limita às colônias ou ex-colônias: se reproduzem no mundo globalizado, de imigrantes que aprendem o modo de pensar o mundo europeu ou norte-americano em sua terra natal, perpetuando-o quando migram para o norte do mapa geográfico - que também foi desenhado por europeus (GONÇALVES e MUCHERONI, 2021:5).

É fundamental compreender que o papel do bibliotecário no combate ao epistemicídio se manifesta tanto na rotina diária de manutenção, gestão e composição das bibliotecas quanto na necessidade de atualização constante e atenção às questões sociais inerentes à profissão. O profissional deve estar atento às demandas dos povos marginalizados, refletindo criticamente sobre seu papel e sobre o papel das bibliotecas na construção da identificação coletiva. Além disso, essa atuação se estende a situações extremas e indesejáveis, nas quais ataques ao patrimônio cultural se tornam realidade.

Prochaska (2023) observa que os esforços de bibliotecários, professores e da comunidade em tempos de conflito são pouco divulgados e raramente reconhecidos, destacando que “em tempos de conflito, a determinação dos bibliotecários, arquivistas e curadores em preservar o poder da leitura é uma força insubstituível para o bem” (p. 8, *tradução nossa*). Em matéria do Literary Hub (2022), é relatado o caso de Aida Buturovic, bibliotecária assassinada em 1992, junto a parceiros, enquanto tentavam resgatar livros da Biblioteca de Sarajevo, na Bósnia e Herzegovina, que se encontrava em chamas após ataques das forças armadas durante a Guerra da Bósnia.

Entre os exemplos de ações brasileiras, destacam-se os esforços voltados à preservação da memória e da cultura negra e indígena. A Biblioteca Comunitária Assata Shakur, em São Paulo, promove a disseminação de obras de autoria de pessoas negras, oferecendo à população um espaço seguro de identificação e de troca. São realizadas atividades para todas as faixas etárias, valorizando a cultura negra, como, por exemplo, o *hip-hop*. Em uma matéria recente sobre o projeto, afirma-se que:

Professor e cofundador do espaço, Kairu Kijani conta que a biblioteca se tornou um local de combate ao epistemicídio, contra o apagamento de criações e conhecimentos produzidos pela população negra (LIMA, 2024).

Destaca-se também a Biblioteca Curt Nimuendaju, em Brasília, cuja missão é: “Promover o acesso e a disseminação de informações sobre os indígenas e a política indigenista brasileira, contribuindo para a promoção e a proteção dos direitos indígenas”. Iniciativas como essa são fundamentais para a preservação da memória de povos marginalizados. No contexto brasileiro, considerando a história de apagamento e genocídio indígena, uma biblioteca especializada nessa temática torna-se de extrema importância. Embora não seja possível apagar o passado nem reverter integralmente o apagamento, é viável amenizar os danos e impedir que se agravem.

Cabe à classe bibliotecária estar atenta aos processos e sinais de epistemicídio e biblioclastia, não medindo esforços para impedir sua concretização e atuando, quando necessário, na redução dos danos decorrentes de sua efetivação.

No contexto atual, é possível estabelecer relação entre as ideias aqui discutidas e os recentes bombardeios, saques, ataques e destruição de bibliotecas palestinas, tema que será abordado com mais detalhes na seção seguinte. Frente a essa realidade, existem esforços voltados à preservação e disseminação digital do acervo. Entre os ambientes com acervo digital encontrados destaca-se a Library of the Institute for Palestine Studies¹ e a sessão especial Biblioteca Palestina, do *Le Monde Diplomatique Brasil*².

A situação das bibliotecas na Palestina

A Faixa de Gaza é uma região do mundo que enfrenta um conflito quase secular, no qual, desde 1948, o povo palestino tem lidado com a ocupação, a segregação e a violência impostas pelo Estado de Israel. Recentemente, o conflito ganhou um novo capítulo após os ataques do grupo Hamas em 7 de outubro de 2023 e a subsequente reação do Estado de Israel, que tem causando grandes danos humanos e materiais à Palestina.

Os danos, tanto humanos quanto materiais, decorrentes do conflito, vão além dos dados apresentados aqui. No entanto, citamos o levantamento realizado pelo coletivo Librarians and Archivists with Palestine, um grupo internacional que reúne pessoas bibliotecárias e arquivistas favoráveis à causa palestina. De acordo com esse levantamento, finalizado em fevereiro de 2024, constatou-se que o Estado de Israel foi responsável pela destruição de dois arquivos raros, oito bibliotecas públicas, quatro bibliotecas universitárias, incluindo os campus em que se situavam, e oito museus. O estudo também menciona o falecimento de seis profissionais da informação em ataques lançados pelo exército israelense.

A magnitude dos danos culturais causados por Israel é incalculável, uma vez que museus foram saqueados, bibliotecas destruídas e manuscritos raros, datados desde a Antiguidade, destruídos. O relatório ainda destaca a destruição da Biblioteca e Museu Nacional da Universidade Al-Israa, que abrigava mais de três mil artefatos arqueológicos, alguns remontando aos primórdios da história humana, inclusive à região da Mesopotâmia.

Parte da motivação para a destruição de locais como bibliotecas e museus pode ser compreendida ao considerarmos que esses espaços surgem enquanto “lugares de memória e de reafirmação do saber” (SILVEIRA, 2010). Dessa forma, tais locais acabam por manter viva a memória de um povo que ali viveu e foi massacrado por um projeto imperialista, com o objetivo de promover uma limpeza étnica no Oriente Médio, realizado por Israel. Conforme destaca Naim (2024): “A guerra de Israel em Gaza tem de forma sistemática e deliberada atacado a educação, com a intenção de deslocar e marginalizar [a população]” (*tradução nossa*). Com efeito, torna-se evidente que seria relativamente fácil para esse projeto compactuar com um apagamento histórico, uma vez que a destruição de fontes da informação e de locais de memória impede que se mantenha viva a lembrança do povo que ali viveu. Nesse sentido, podem ser lembradas as palavras presentes na tese de Bárbara Júlia Menezello Leitão, que afirma:

O exercício do poder está na origem do ser humano que busca encontrar modos de dominação. Muitas vezes, a expressão dessa luta assume formas

¹ Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/en/library/about#>.

² Disponível em: <https://diplomatique.org.br/especial/biblioteca-palestina/>.

cruéis: tortura, morte, censura, fogueira, silêncio, esquecimento” (LEITÃO, 2010:17).

Esses fatos e suas motivações podem ser refletidos a partir de um olhar conceitual, aplicando a perspectiva do epistemicídio, no qual um pensamento torna-se alvo de um projeto aniquilador que ataca as diferentes formas de conhecimento de um povo em situação de vulnerabilidade. É importante considerar, também, que esses povos frequentemente vivem regimes de dominação, nos quais a relação de poder não se manifesta de forma passiva, mas, ao contrário, se expressa por meio de diferentes formas de violência e opressão (GONÇALVES e MUCHERONI, 2021).

Segundo o portal de notícias Al Jazeera, desde o dia 6 de novembro de 2023, nenhum estudante da Palestina conseguiu participar de suas aulas. De acordo com a reportagem, o ministro da Educação suspendeu o ano escolar de 2023/2024 devido ao fato de os ataques de Israel terem como alvo, zonas residenciais, incluindo escolas e escritórios; portanto, a simples ida até uma escola tornava-se um desafio letal para os estudantes³. Novamente, recorre-se a Adchie (2019): a quem interessa manter uma história única? O poder fala mais alto que a dignidade humana.

Um caso extremo que ilustra a ideia discutida até aqui foi a imagem (Fig. 1) que começou a circular na Internet a partir do dia 23 de maio de 2024, período em que este artigo já estava em desenvolvimento, na qual um soldado israelense aparenta se orgulhar do incêndio e da destruição que ele e seu batalhão causaram à biblioteca da Universidade de Al-Aqsa, localizada na cidade de Gaza⁴.

Esse não é o primeiro caso na história que um grupo no poder opta por queimar livros e bibliotecas, seja para censurar conteúdos, seja para oprimir populações sob seu controle. Talvez o exemplo mais conhecido desse tipo de ato tenha sido as fogueiras de livros realizadas na Alemanha nazista e Itália facista, nas décadas de 1930 e 1940. A memória coletiva e a Educação tendem a ser alvos desses ataques, pois constituem vias fundamentais para a construção de cidadania e participação popular.

³ <https://www.aljazeera.com/news/2024/1/24/how-israel-has-destroyed-gazas-schools-and-universities>.

⁴ <https://www.theguardian-com.translate.goog/commentisfree/article/2024/jun/08/israel-destroying-schools-scholasticide? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr pto=tc>.

Fig. 1 - Soldados israelenses ateam fogo na biblioteca da Universidade de Al-Aqsa, Gaza, e se fotografam entre as chamas



Fonte: FEPAL: Federação Árabe Palestina do Brasil.

Outra forma de evidenciar como os ataques promovidos por Israel visam não apenas a conquista territorial, mas também o apagamento de um povo e de sua história é o vídeo gerado por Inteligência Artificial e publicado por Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos da América e aliado influente do Estado de Israel. O político já havia sinalizado anteriormente seu interesse em reconstruir a região da Faixa de Gaza após a retirada do povo palestino que a habita. Em reportagem da CNN, o vídeo é descrito como um plano de Trump e seus aliados para o futuro de Gaza, no qual o local é transformado em um *resort* de luxo, onde Donald Trump, Elon Musk e Benjamin Netanyahu (atual primeiro-ministro de Israel) celebram a vida em meio a uma chuva de dinheiro (LIMA, 2025)⁵. O vídeo demonstra de forma macabra e leviana o genocídio em curso, apresentando políticos e bilionários comemorando suas vidas em uma área de lazer construída sobre a morte e o sofrimento daqueles que foram perseguidos e oprimidos.

⁵ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/video-de-trump-sobre-empreendimentos-de-luxo-em-gaza-causa-polemica/>.

Ao abordar a identidade palestina, podemos recorrer a Neto (2010), que conceitua que tanto a identidade israelense quanto a palestina são tópicos delicados e polêmicos dentro da história desse longo conflito, uma vez que ser judeu, palestino, árabe ou israelense é uma característica construída a partir da história e do contexto social, não se tratando de um atributo biológico transmitido pelo sangue ou pela reprodução. Como explica o autor: “Tais construções identitárias não são um fenômeno da natureza”, mas sim marcadores socioculturais. Nesse sentido, a preservação da memória é fundamental para a manutenção dessas características.

Para Rayan (2024), o que observamos hoje é uma diáspora multigeracional do povo palestino. A autora utiliza o termo “diáspora” para se referir originalmente ao exílio histórico sofrido pelo povo judeu e à forma como buscou se estabelecer em diferentes lugares fora de sua terra natal, especialmente devido à perseguição sofrida durante o Holocausto no século XX. Entretanto, a diferença entre uma diáspora e uma migração reside no fato de que, na diáspora, os povos são recebidos de forma hostil e não receptiva fora de suas terras natais. Segundo Rayan (2024), atualmente observa-se que o povo judeu busca recuperar sua terra natal, que também é a terra natal do povo palestino, recorrendo a métodos violentos que resultam na expulsão dos palestinos de suas terras.

Voltando a refletir sobre as bibliotecas, observa-se que elas passaram por séculos de mudanças desde seus surgimentos; contudo, mantiveram-se como espaços de conservação da memória e da herança cultural da humanidade (SILVEIRA, 2010). Por essa razão, tornam-se alvos de quem busca prejudicar as futuras gerações de uma região, uma vez que as bibliotecas são utilizadas para educar os que ainda estão por vir. Considerando as bibliotecas como espaços de memória, é também interessante refletir sobre a memória em si, entendida como um movimento de reinterpretação dos atos humanos do passado, de seu reconhecimento e da geração de lembranças e reflexões sobre esses acontecimentos (SILVEIRA, 2010).

No processo protocolado na Corte Internacional pela África do Sul contra o Estado de Israel por crimes de guerra, no final de 2023, uma das acusações refere-se à tentativa de destruição da bagagem cultural pertencente ao povo palestino. O processo também destaca que Israel não apenas danificou, mas destruiu diversos centros de aprendizado e cultura na Palestina, atacando desde bibliotecas até monumentos históricos e religiosos. Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), até agosto de 2024, 90% das escolas públicas da Faixa de Gaza haviam sido destruídas, e as doze universidades da região sofreram danos intensos, gerando enormes perdas para a ciência e o conhecimento, uma vez que até mesmo campus universitários foram reduzidos a pilhas de escombros, impedindo qualquer produção de pesquisa ou ensino naquela área. Para Moreira (2024):

A perda de tais instituições resulta não apenas na interrupção imediata da educação, mas também no prolongamento do trauma e na dificuldade de recuperação no longo prazo.

Ziegler (2008) afirma que os direitos internacionais proíbem a punição coletiva de uma população; entretanto é isso que se observa ocorrer na Faixa de Gaza, em resposta aos ataques lançados pelo grupo Hamas em 7 de outubro de 2023. O autor destaca, ainda, que a região já foi palco de outras incursões e ataques do Estado de Israel, chegando a servir, inclusive, como um campo de testes para armas que, mais tarde, seriam comercializadas com outras potências ocidentais, em 2006.

Outro aspecto problemático relacionado à destruição das bibliotecas, que pode ser entendido como uma tática daqueles que buscam a aniquilação de um povo, refere-se ao letramento literário e o bem-estar dos usuários desses espaços; nesse caso, ambos seriam comprometidos e prejudicados pela destruição das bibliotecas. De acordo com Silva *et al.* (2017), parte do objetivo de um leitor é tornar-se um aprendiz capaz de alcançar autonomia e transcendência, permitindo assim assimilar o objeto de estudo de forma crítica e reflexiva. Dessa forma, reforça-se o argumento de que, ao destruir uma biblioteca e seu conteúdo, um grupo é privado do acesso a uma fonte de educação capaz de fomentar não apenas o crescimento pessoal e o pensamento crítico, mas também possíveis movimentos emancipatórios que poderiam surgir para lidar de diferentes formas com a ocupação, as investidas, a segregação e os ataques realizados pelo Estado de Israel.

Exemplos de ações práticas

Antes de relatar ações que evidenciam o engajamento de instituições culturais e da comunidade profissional em defesa da Palestina, considera-se oportuno apresentar outras formas de enfrentamento, a fim de demonstrar que se trata de uma luta que mobiliza diferentes vozes, reafirmando o direito de cada história ser lembrada e cada vida ser preservada.

No campo das artes, mais especificamente na música, há diversas manifestações, tanto dentro quanto fora de palcos, que buscam conscientizar ou demonstrar apoio ao povo palestino. Um exemplo recente é a banda de *punk* Green Day, que, em uma apresentação realizada em abril de 2025, alterou a letra de uma de suas músicas ao cantar: “Fugindo da dor, como as crianças na Palestina. Contos de uma outra casa em ruínas”, quando os versos originais seriam: “Fugindo da dor quando você se tornou uma vítima”⁶. Entretanto, ações desse tipo não são exclusivas da atualidade, embora tenham ganhado maior visibilidade devido aos eventos recentes.

Um exemplo histórico é o do músico britânico Roger Waters, baixista, vocalista e um dos principais compositores da banda britânica de *rock* Pink Floyd entre 1964 e 1983, que demonstrou apoio à causa palestina ao longo de décadas. Foi em sua turnê *This is not a Drill*, realizada entre 2022 e 2023, que, durante a música *The powers that be*, o *slogan* *Stop the Genocide* (“Parem o genocídio”, em tradução livre) foi projetado nos telões do espetáculo, conforme a Fig. 2. Posteriormente, durante a canção *Déjà vu*, o telão exibiu pedidos de direitos iguais para diferentes grupos minoritários, incluindo refugiados e palestinos, encerrando com a mensagem “direitos humanos”.

⁶ Uma matéria sobre a banda e o protesto em questão pode ser vista em: <https://www.omelete.com.br/green-day/coachella-2025-green-day-muda-letra-palestina>. [Consult. 30 maio 2025].

Fig. 2 - Telão exibindo a mensagem *Stop the Genocide* durante *show* do músico britânico Roger Waters em São Paulo - novembro de 2023



Fonte: Arquivo pessoal

Para além desses esforços, é possível encontrar registros digitais da arte, da literatura e dos protestos do próprio povo afetado pelo conflito. Um exemplo é o canal no YouTube *Rap Shar3*, que reúne diversas produções de *rappers* e compositores, incluindo vítimas que abordam o conflito e suas histórias em suas composições. Há também a organização *Literary Hub*, que, em seus artigos sobre a Palestina, disponibiliza informações e dados sobre o conflito, além de divulgar trabalhos literários e artísticos palestinos, como na matéria *These are the poets and writers who have been killed in Gaza*.

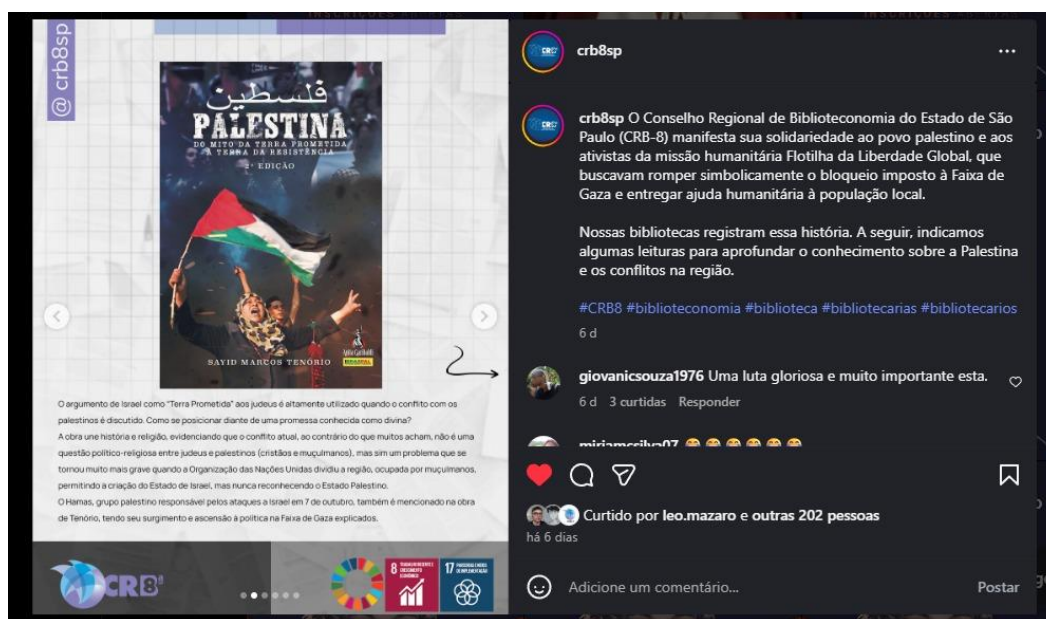
No contexto das instituições culturais, há diversas ações ao redor do mundo realizadas para demonstrar apoio ao povo palestino, incluindo debates e mesas de conversas promovidos em bibliotecas, bem como manifestações de apoio público à causa palestina por parte de instituições informacionais e educacionais. Entre essas ações, destaca-se a palestra sobre direitos humanos e sobre o povo palestino promovida pela Biblioteca da Faculdade Comunitária de Mesa, no Arizona, Estados Unidos, em 24 de janeiro de 2025. Instituições como o Museu Memorial da Guerra, na Nova Zelândia, também demonstram apoio à causa palestina ao acolher manifestantes e iluminar a fachada do museu com as cores da bandeira da Palestina, em 8 de novembro de 2023.

Em um episódio mais recente, um barco de ativistas que pretendiam entregar ajuda humanitária ao povo segregado em Gaza, denominado *Flotilha da Liberdade Global*, foi interceptado por forças do Estado de Israel. Diante desse acontecimento, o Conselho

Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo (CRB-8) publicou uma nota de repúdio.

Na nota, reproduzida abaixo, o CRB-8 reafirma os valores de justiça, solidariedade, liberdade e acesso à informação como pilares da atuação da pessoa bibliotecária e da construção de uma sociedade justa. Além disso, a publicação indica cinco livros que podem ser utilizados para compreender a questão palestina, com foco nos conflitos e nas guerras vivenciadas na região.

Fig. 3 - Nota publicada pelo Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo em 3 de outubro de 2025



Fonte: Instagram @crb8sp.

Também observamos que não apenas as bibliotecas, mas o próprio conteúdo nelas abrigado foi afetado pelo desenrolar do conflito. Desde a década de 1940, a arte e a literatura produzidas não apenas pelo povo palestino, mas também por aqueles que acompanhavam o confronto, começaram a refletir os acontecimentos vivenciados. Um exemplo disso é a obra em quadrinhos do autor Joe Sacco, *Notas sobre Gaza* (1996), que recentemente voltou a ser tema de debate. O que torna essa *graphic novel* especialmente relevante é o fato de o autor adotar um olhar investigativo e jornalístico, realizando uma representação gráfica do jornalismo investigativo próxima à linguagem documental. A narrativa baseia-se nos relatos de palestinos que viveram (e sobreviveram) aos massacres nas cidades de Khan Younis e de Rafah, em 1956 (VERAS, 2015).

As ações ora relatadas reforçam o compromisso crescente e cada vez mais necessário da Biblioteconomia no enfrentamento de qualquer forma de opressão ou silenciamento. No caso do conflito em Gaza, toda ação voltada ao combate da aniquilação de formas de conhecimento e à promoção da paz é urgente e, sobretudo, configura uma forma concreta de resistência.

Nesta direção, cabe destacar que “a articulação entre lembrança e esquecimento impregna, em qualquer contexto, a dinâmica da instituição social da memória, que não se afirma passivamente sobre as contradições e conflitos existentes” (TAVARES, 2012:12). Portanto, é fundamental que continue havendo um posicionamento ativo da classe bibliotecária no combate ao epistemicídio e à perda identitária, bem como na proteção das bibliotecas, universidades, museus e centros de informação como espaços de memória, conhecimento e cultura. Que nossas práticas profissionais reflitam o compromisso com a preservação da história e da diversidade epistemológica, honrando os esforços e a memória de todos aqueles que resistiram e resistem ao apagamento de suas narrativas e saberes.

Conclusões

Quando as instituições culturais e seus profissionais realizam ações explícitas em defesa da Palestina, seu papel no combate ao epistemicídio e à opressão se torna ainda mais evidente e concreto. Essas ações podem assumir diferentes formas, que vão desde manifestos e notas públicas até a realização de eventos educativos e culturais.

Apesar de se reconhecer a importância dos esforços contemplados nesse estudo, é preciso ressaltar que a perda cultural, humana e histórica ocorrida na Faixa de Gaza é imensurável, e infelizmente, não pode ser remediada. Entende-se que a pessoa bibliotecária e demais profissionais da informação não devem poupar esforços para construir, preservar e disponibilizar o acervo ao público, considerando que a biblioteca não é um espaço neutro, mas um ambiente de construção de memória. Em um cenário ideal, todas as técnicas, métodos e tecnologias mais avançadas devem ser aplicadas, de modo que, caso surja um contexto indesejado, como situações de conflitos, a recuperação do trabalho e do acervo seja menos prejudicada.

Apesar de, até o início de outubro de 2025, não se terem encontrado muitas ações conduzidas em bibliotecas, além das já listadas, mesmo após dois anos de agressões por parte do Estado de Israel e às vésperas de um cessar-fogo, o estudo aproxima-se de seu desfecho recorrendo às palavras de esperança da escritora palestina Shahd Alnaami (2024):

Em meio à devastação, tenho esperança de que, quando o genocídio terminar, as bibliotecas de Gaza renascerão das cinzas. Esses santuários de conhecimento e cultura podem ser reconstruídos e se erguer novamente como faróis de resiliência (ALNAAMI, 2024).

Espera-se que este trabalho contribua para engajar novas ações práticas por parte da comunidade acadêmica e profissional da Biblioteconomia no combate ao epistemicídio na Faixa de Gaza. Nesta luta, que deve ser de todos, é importante ressaltar que vidas estão sendo ceifadas e, com elas, heranças socioculturais e históricas que não poderão ser reestabelecidas. Portanto, cabe às pessoas bibliotecárias assumir o compromisso com a busca por justiça informacional, sendo o exposto aqui um posicionamento argumentativo-reflexivo, destinado a sensibilizar a comunidade leitora quanto à importância das histórias diversas e igualmente relevantes.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi

2019 *O Perigo de uma história única*. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALJAZEERA

2024 *How Israel has destroyed Gaza's schools and universities*. [Em linha]. 2024. [Consult. 22 jan. 2025]. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/1/24/how-israel-has-destroyed-gazas-schools-and-universities>.

ALNAAMI, Shahd

2024 *As Bibliotecas de Gaza ressurgirão das cinzas*. [Em linha]. FEPAL - Federação Árabe Palestina do Brasil, dez. 2024. [Consult. 9 out. 2025]. Disponível em: <https://fepal.com.br/as-bibliotecas-de-gaza-ressurgirao-das-cinzas>.

BUTLER, Judith

2009 *Frames of war: When is life grievable?* London; New York: Verso, [2009].

BUTLER, Judith

2004 *Precarious life: The powers of mourning and violence*. London; New York: Verso, [2004].

CARNEIRO, Sueli

2023 *Dispositivo de racialidade : a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, Guilherme; BARTOLO, Ana Beatriz

2025 *As 11 guerras que acontecem no mundo em 2025, incluindo aquelas que quase ninguém fala*. [Em linha]. 2025. [Consult. 10 out. 2025]. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2025/10/04/as-11-guerras-que-acontecem-no-mundo-em-2025-incluindo-aquelas-que-quase-ninguem-fala.ghtml>.

GIROUX, Henry Armand

2024 Escolasticídio: silenciamento da dissidência e apagamento da memória na guerra contra a educação e a cultura palestina. *Le monde diplomatique Brasil*. [Em linha]. (Ago. 2024). [Consult. 26 jan. 2025]. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/escolasticidio-silenciamento-da-dissidencia-e-apagamento-da-memoria-na-guerra-contra-a-educacao-e-a-cultura-palestina/>.

GONÇALVES, Robson de Andrade; MUCHERONI, Marcos L.

2021 O Que é epistemicídio?: Uma introdução ao conceito para a área da Ciência da Informação. *Liinc em Revista*. [Em linha]. 17:2 (nov. 2021) e5759. [Consult. 12 dez. 2024]. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5759/5385>.

GROSFUGUEL, Ramón

2013 The Structure of knowledge in westernized universities epistemic racism/sexism and the four genocides/epistemicides of the long 16th century. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*. 11:1 ([2013]) 73-90.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello

2010 *A Relação entre biblioteca públicas, bibliotecários e censura na Era Vargas e Regime Militar: uma reflexão*. [Em linha]. São Paulo, 2010. [Consult. 5 dez. 2024]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18102010-164858/pt-br.php>.

LIBRARIANS AND ARCHIVISTS WITH PALESTINE

2024 *Israeli Damage to Archives, Libraries, and Museums in Gaza, October 2023-January 2024*. [Em linha]. 2024. [Consult. 28 jan. 2025]. Disponível em: <https://librarianswithpalestine.org/wp-content/uploads/2024/02/LAP-Gaza-Report-2024.pdf>.

LIMA, Viviane

2024 *Biblioteca comunitária Assata Shakur disponibiliza acervo com obras de escritores negros*. [Em linha]. 2024. [Consult. 9 out. 2025]. Disponível em: <https://desenrolaenaomenrola.com.br/contextos-perifericos/biblioteca-comunitaria-assata-shakur-disponibiliza-acervo-com-obras-de-escritores-negros/>.

MOREIRA, Júlio da Silveira

2024 *Palestina: Universidades e escolas destruídas. A Terra é redonda*. [Em linha]. (7 maio 2024). [Consult. 21 dez. 2024]. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/palestina-universidades-e-escolas-destruidas/>.

NAIM, Nour

2024 *Israel's war on the education sector in the Gaza strip*. [Em linha]. Washington: Arab Center Washington DC, 2024. [Consult. 13 nov. 2024] Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/israels-war-on-the-education-sector-in-the-gaza-strip/>.

NETO, Luiz Salgado

2010 *Construção e afirmação da identidade nacional palestina: da consciência de nação à luta pelo Estado*. *Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*. [Em linha]. 6:3 (jan.-jun. 2010). [Consult. 22 jan. 2025]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/12672/9169>.

POLLAK, Michael

1992 *Memória e identidade social*. *Revista Estudos Históricos*. 5:10 (1992) 200-215. [Consult. 16 dez. 2024] Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>.

PROCHASKA, Alice

2023 *Librarianship in times of conflict*. *Insights*. [Em linha]. 36:1 (2023) 22. [Consult. 16 dez. 2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.1629/uksg.639>.

RAYAN, Tamara

2024 *Transformative provenance: memory work in the Palestinian diaspora*. *Springer Nature Link*. [Em linha]. 24 (2024) 739-759. [Consult. 20 out. 2024]. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-024-09455-9>.

SANTOS, Boaventura de Sousa

2018 *Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa

1998 *La Globalización del derecho: Los nuevos caminos de la regulación y la emancipación*. [Em linha]. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Instituto de Servicios Legales Alternativos, 1998. [Consult. 12 dez. 2024]. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf.

SHEEHAN, Dan

2023 These are the poets and writers who have been killed in Gaza. *Literary Hub*. [Em linha]. (21 dez. 2023). [Consult. 20 jan. 2025]. Disponível em: <https://lithub.com/these-are-the-poets-and-writers-who-have-been-killed-in-gaza/>.

SHEEHAN, Dan

2022 30 years ago tonight, Sarajevo's National Library was burned to the ground. *Literary Hub*. [Em linha]. (25 ago. 2022). [Consult. 14 dez. 2024]. Disponível em: <https://lithub.com/30-years-ago-tonight-sarajevos-national-library-was-burned-to-the-ground/>.

SILVA, Antonio Adailton; MELO, Márcio Araújo de; ALMEIDA, Núbia Regina de

2017 As Leituras da bibliotecária de Auschwitz. *Revell*. [Em linha]. 3:17 (2017). [Consult. 12 jan. 2025]. Disponível em: https://www.academia.edu/84053946/As_leituras_da_bibliotecária_de_Auschwitz.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da

2010 Biblioteca, memória e identidade social. *Perspectivas em Ciência da Informação*. [Em linha]. 15:3 (2010) 67-86. [Consult. 16 dez. 2024] Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22695/18279>.

VERAS, Laurene

2015 Literatura e Guerra: Notas sobre Gaza de Joe Sacco. *Nau Literária*. [Em linha]. 11:2 (2015). [Consult. 28 jan. 2025]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/73217>.

ZIEGLER, Jean

2008 *Ódio ao ocidente*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

Carlos Eduardo da Cunha de Souza | carlos.souza@estudante.ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

Ana Julia Artali Maramarque | anajulia.maramarque@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

Paula Regina Dal'Evedove | dalevedove@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

Cintia Almeida da Silva Santos | cintiasantos@ufscar.br

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Brasil